

Bancos prevêem limite de 50% para o crédito

JOSÉ ANTONIO RIBEIRO

Os banqueiros não sabem ainda qual o limite de expansão dos empréstimos que deverá ser estabelecido para 1982 na reunião do Conselho Monetário Nacional, no próximo dia 21. Mas, após os encontros que mantiveram esta semana com o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e com o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, parece ter-se fortalecido o consenso de que o limite de 50%, estabelecido para este ano, será mantido. Havia, também, até a última sexta-feira, uma forte expectativa de que o governo criaria, no próximo exercício, uma expansão maior de empréstimos, possivelmente até 60%, para aqueles bancos que atuassem de maneira mais agressiva na captação de recursos externos.

Essa expectativa foi abalada, porém, há dois dias, com a decisão tomada pelo Banco Central de reduzir o prazo mínimo de empréstimos pela Resolução 63, de 180 para 90 dias. Com essa decisão, não haveria necessidade de outros mecanismos de estímulos, uma vez que o principal problema enfrentado este ano, na utilização de recursos externos mediante a 63, não foi a captação dos recursos no Exterior, onde houve relativa facilidade, mas, sobretudo, o pouco interesse manifestado no mercado interno pelos tomadores desses repasses.

Comentou-se, ainda, entre os banqueiros, esta semana, a hipótese de ser autorizado, no próximo ano, um limite de expansão dos empréstimos um pouco acima de 50% para as pequenas instituições. A esse respeito, as estimativas são bastante diferenciadas. Para muitos observadores, o governo conceituaria como pequenos, para efeito de obtenção de uma margem adicional dos empréstimos, somente os bancos que ainda não dispõem de uma carteira de câmbio. Outros estimam que poderia ser adotado um sistema mais abrangente, com 50% para os bancos de grande porte, classificados por indicadores convencionais, como o volume de depósitos, por exemplo, e margens adicionais para os médios e pequenos.

AS PREVISÕES

Os banqueiros consideram que o governo conseguiu fazer importantes reajustes na economia em 81 e que, efetivamente, o País dispõe de margens para reativar seu crescimento em 82. A inflação também deverá continuar decrescendo: as expectativas do setor financeiro oscilam ao redor de 80%.

Para o presidente do Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo, Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, pode-se esperar a continuidade da queda da taxa de inflação, que poderá ficar, inclusive, abaixo de 80% no próximo ano. Essa estimativa, segundo ele, baseia-se nos resultados que foram obtidos este ano e na hipótese de ser mantida, em linhas gerais, política adotada pelas autoridades.

"Acredito que o crédito continuará tendo o seu crescimento controlado em



Brandão: já melhorou

torno de 50%, o que, ademais, favorecerá a indução dos tomadores às fontes externas." Com relação à evolução da economia, o presidente do Mercantil considera que, embora o crescimento do PIB deva ficar ao redor de zero este ano, "já se adiantam indícios sobre uma retomada, podendo-se esperar expansão talvez de até 5% em 82, desde que as esperadas medidas de aquecimento da economia não prejudiquem o controle da inflação e da dívida externa".

Vidigal prevê, ainda, que, com a queda da inflação, os juros externos baixarão em 82. Essa redução seria estimulada pela baixa dos juros internos, que já começou a se verificar, principalmente a partir de setembro deste ano. Além de permitir uma redução dos juros internos, a queda das taxas externas aumentará o interesse dos tomadores por esses recursos, facilitando a captação no Exterior.

RUMO CERTO

"A política econômica está correta e deve ser mantida. Acredito que 1982 ainda será um ano apertado, mas, certamente, bem melhor que 1981. Já temos indícios de reaquecimento de economia", afirmou o presidente executivo do Bradesco, Lázaro de Mello Brandão.

No próximo ano, o banco pretende aumentar o ritmo de crescimento de suas operações no mercado externo, com a inauguração de sua primeira agência no Exterior (em Nova York), até o final do primeiro trimestre. Nessa mesma época, deverá ser aberto, em Londres, um escritório de representação, facilitando assim a tomada de recursos para repasse aos clientes brasileiros.

"Confiamos que a economia volte a crescer no próximo ano. Recebemos freqüentemente informações de que vários segmentos da economia já estão saindo do fundo do poço e constatamos isso nas operações feitas por nossas agências, acrescentou. O presidente do Bradesco observa, ainda, que os índices de liquidez dos clientes do banco estão muito bons nos últimos meses. "Nunca se pagou tão em dia como atualmente."

Para o próximo ano, o Bradesco está trabalhando com uma inflação prevista de 80% e espera expandir seus depósitos em 60%, taxa registrada de janeiro ao final do mês passado, quando os depósitos do banco alcançaram Cr\$ 244 bilhões. Suas aplicações globais, que este ano deverão crescer cerca de 110%, foram impulsionadas em grande parte pela captação de recursos, segundo Brandão.

O presidente do Bradesco, após salientar que os bancos gostariam que houvesse, em 82, margem de crescimento superior aos 50% estabelecidos para 81, fez uma sugestão ao governo: "O controle dos meios de pagamento poderia ser feito com uma expansão menor da base monetária, deixando maiores margens para expansão dos empréstimos e possibilitando ao setor financeiro uma retomada da competitividade entre as instituições".



Vidigal: base para crescer